

ORGANIZAÇÃO TEXTUAL-INTERATIVA SOBRE OS PROCESSOS CONSTITUTIVOS DA LÍNGUA FALADA

ATALIBA T. DE CASTILHO
(USP)

ABSTRACT *In this text I report the activities of Ingedore Koch as Chairwoman of the workgroup “Interactive-textual organization”, part of the Grammar of Spoken Brazilian Portuguese project. She helped to build a theory on communicative competence, which provided the basis for my on going multissystemic theory of language, reported as well in this text.*

Sob o título acima, a Profa. Ingedore Grunfeld Villaça Koch coordenou no Brasil um dos mais bem sucedidos grupos de trabalho que operaram na última década do século passado.

O grupo de trabalho “Organização textual-interativa” foi organizado no interior do Projeto de Gramática do Português Falado, juntamente com outros quatro grupos: Fonética e Fonologia (Maria Bernadete M. Abaurre), Morfologia Derivacional (Margarida Basílio), Morfologia Flexional (Ângela C.S. Rodrigues), Classes de Palavras (Maria Helena Moura Neves) e Relações Gramaticais (Mary Kato).

Juntamente com esses, “o grupo da Inge” produziu dezenas de ensaios, de leitura sempre muito instigante, assinados por ela e por seus colegas de grupo, Profs. Clélia Cândida A. Spinardi Jubran (Unesp-Assis), Dercir Pedro de Oliveira (UFMS), Hudinfilson Urbano (USP), José Gaston Hilgert (UF-Passo Fundo), Leonor Lopes Fávero (USP), Luiz Antonio Marcuschi (UFPe), Luiz Carlos Travaglia (UF-Uberlândia), Maria Cecília Pérez de Souza e Silva (PUC-SP), Maria do Carmo O. T. Santos (Universidade Estadual de Maringá), Maria Guadalupe de Castro (então doutoranda na PUC-SP), Maria Lúcia C. Vitória de Oliveira Andrade (USP), Mercedes Sanfelice Riso (Unesp-Assis), Paulo Galembeck (Unesp-Araraquara) e Zilda G. Oliveira Aquino (então doutoranda na PUC-SP). Em suas pesquisas, o GT de Organização Textual-Interativa partiu de

uma concepção específica de linguagem, que passa a ser vista como uma forma de ação, uma atividade verbal exercida entre dois protagonistas, dentro de uma localização contextual, em que um se situa reciprocamente em relação ao outro, levando em conta circunstâncias da enunciação, de que fazem parte os entornos espaço-temporal e histórico-social que unem os interlocutores (trecho extraído do texto “Proposta de uma teoria do texto”, formulada pelo grupo).

O ponto forte da articulação deste GT sempre esteve em sua

visão de linguagem como manifestação de uma *competência comunicativa*, definível como capacidade de manter a interação social mediante a produção e o entendimento de textos que funcionam comunicativamente

Seus pesquisadores insistiram em que essa competência comunicativa não tem, com relação à competência lingüística, um caráter de exclusão ou de adição. Por outras palavras, não se tratava de

ampliar o objeto de estudos da Lingüística Estrutural, acrescentando-lhe componentes pragmáticos. Trata(va)-se, na verdade, de um enfoque particular do heterogêneo fenômeno da linguagem, com o conseqüente estabelecimento de um objeto de estudos que leva a pesquisar a língua sob a forma com que ela comparece socialmente, e não sob a forma de um sistema abstrato de signos.

Enquanto objeto de estudo, o texto foi portanto definido como um produto lingüístico marcado pela dinâmica da atuação interacional. A Pragmática, a Análise da Conversação e a Lingüística do Texto forneceram os marcos dentro dos quais se movimentaram as análises: *“a visão do texto falado como uma atividade estruturada, que apresenta regularidades próprias de organização, sustenta a possibilidade de uma abordagem gramatical do texto”*.

Para operacionalizar tais conceitos, o GT investigou a natureza e a especificidade de produção do texto falado, sua organização tópica, as estratégias de construção textual e os marcadores discursivos, pondo em destaque as funções textuais e interacionais desempenhadas pelos processos e mecanismos de elaboração do texto falado. Eis aqui os principais tópicos analisados:

- (1) descontinuidades no fluxo da informação nos textos falados (inserções, adjunções e reconstruções): Jubran (1993), Jubran (1996a,b), Souza e Silva / Crescitelli (1997).
- (2) organização tópica em dois níveis: o linear e o hierárquico: Koch *et alii* (1990) Jubran *et alii* (1992).
- (3) marcadores de coesão: Risso (1993, 1996), Risso / Silva / Urbano (1996).
- (4) construção da coerência: Fávero *et alii* (1996).
- (5) dimensão ilocucionária: Souza e Silva / Koch (1993), Urbano *et alii* (1993), Souza e Silva / Koch (1996).
- (6) processos de composição: formulação e reformulação: Fávero / Andrade / Aquino (1996), Marcuschi (1996), Hilgert (1996).
- (7) deferenciação e progressão referencial: Marcuschi / Koch (2002).
- (8) considerações tipológicas: Koch / Souza e Silva (1996), Travaglia (1996).

O tratamento dado a todos esses fenômenos foi maiormente qualitativo, dada a natureza interpretativa da análise e a natureza processual dos fenômenos.

Um dos aspectos mais surpreendentes desses trabalhos é que eles permitem entrever o processamento da língua falada em seu todo. De imediato se percebe que os pesquisadores coordenados pela Ingedore foram desenhando o que poderíamos chamar de uma “teoria dinâmica da língua” – justamente a teoria de que andam necessitados os estudos sobre gramaticalização, fato para o qual chamo atenção em Castilho (1997a,

1997b, 1997c, e sobretudo 2003) -. E para entender o dinamismo constitutivo das línguas naturais, teremos de postular uma teoria multissistêmica da língua.

Uma teoria dinâmica e multissistêmica nos permitiria - se a desenharmos eficazmente algum dia - dar conta da grande quantidade de fenômenos que temos estudado, permitindo, ademais, enquadrar este processo entre outros, igualmente relevantes para o entendimento da criatividade lingüística.

Para escapar da estatividade que predomina nos estudos descritivos, poderíamos assumir que a língua é um multissistema dinâmico, que pode ser graficamente representado numa forma radial, tendo ao centro o Léxico e à volta o Discurso, a Semântica e a Gramática. Tais sistemas seriam por postulação teórica independentes uns em relação aos outros, dispondo cada um de categorias próprias.

Admitiríamos também que nossa mente opera simultaneamente sobre o conjunto das categorias lexicais, discursivas, semânticas e gramaticais acolhidas nos sistemas correspondentes. Os produtos lingüísticos que daí resultam podem ser representados sob a forma de uma constelação. Quero com isto dizer que qualquer expressão lingüística exhibe simultaneamente propriedades lexicais, discursivas, semânticas e gramaticais, variando o grau de saliência entre elas, por razões pragmáticas.

Assumirei portanto - juntamente com Morris (1938), Franchi (1976) e Nascimento (1993) - que a língua tem uma natureza multissistêmica, capturada em termos dos quatro sistemas acima mencionados. Insisto em que esses sistemas são independentes uns de outros, não sendo postuláveis implícita ou explicitamente regras de determinação entre eles. Isto quer dizer que o Discurso não estipula a criação dos sentidos, e estes não estipulam as estruturas gramaticais que os “empacotam”. No atual quadro dos meus conhecimentos, não vejo vantagem em estabelecer uma hierarquia entre Discurso, Semântica e Gramática, como tacitamente pretendem os autores de estudos sobre a gramaticalização.

Eis aqui uma descrição ainda sumária desses sistemas.

O Léxico será definido como um conjunto de propriedades cognitivas abstratas, potenciais, prévias à enunciação. Combinando essas propriedades de diferentes modos, obtemos diferentes classes de palavras, que serão realizadas no dicionário seja como um Nome, um Advérbio, uma Conjunção ou uma Preposição. Quer dizer que a cada uma dessas classes corresponde determinado arranjo, não sendo sustentável que um Nome gere um Advérbio, e este uma Preposição, por exemplo.

É bem visível que estou seguindo os autores que entendem o Léxico como um conjunto de propriedades lexicais, não como um conjunto de palavras, situando-o ademais no centro do multissistema lingüístico. Quando adquirimos uma língua, provavelmente adquirimos tais propriedades, e depois as palavras em que por convenção social elas se abrigam. O aprendizado das línguas obviamente não se esgota na infância, seguindo pela vida afora.

O Discurso é um conjunto de usos lingüísticos concretos, é uma sorte de contrato social que estabelecemos lingüisticamente. Esse sistema está fulcrado no eixo dêitico, isto é, na instanciação das pessoas do discurso e em sua localização no espaço e no tempo. Satisfeitas essas condições prévias, dá-se a interação através de estratégias pragmáticas de administração do turno, selecionando-se, hierarquizando e elaborando

os tópicos discursivos, ordenando-os em unidades discursivas (Castilho 1989) conectadas pelos nexos textuais, etc.

A Semântica é a criação dos significados baseada em estratégias cognitivas tais como o emolduramento da cena, a hierarquização de seus participantes, a organização do campo visual, a movimentação real ou fictícia dos participantes, sua reconstrução através da metáfora e da metonímia, etc. Daqui resultam as categorias semânticas de dêixis, referenciação, predicação, foricidade e conexidade.

Finalmente, a Gramática é um conjunto de estruturas razoavelmente cristalizadas, ordenadas nos subsistemas da Fonologia, Morfologia e Sintaxe, e governadas por regras de determinação interna. Essas estruturas se expressam por meio das categorias gramaticais, definíveis em termos de classes, relações e funções. A regularidade das categorias gramaticais tem sido comumente reconhecida, o que não exclui que a instabilidade é constitutiva da estrutura gramatical.

O ponto central desta proposta, ainda em seus lineamentos muito gerais, é que o Léxico é governado por um *dispositivo sociocognitivo* de caráter pré-verbal, através do qual o falante ativa, reativa e desativa as propriedades lexicais, dando origem a categorias discursivas, semânticas e gramaticais. Postulei esse dispositivo lendo e interpretando a produção dos pesquisadores do PGPF. É claro que não os comprometo com esta proposta.

Ele dispositivo é “social” porque é baseado numa análise continuada das situações que ocorrem num ato de fala. E é cognitivo porque lida com as categorias cognitivas de base, tais como VISÃO, ESPAÇO, TEMPO, MOVIMENTO, etc. Elaboradas pelas comunidades de fala, essas categorias fornecem as propriedades para o Léxico. Como já disse, as diferentes palavras, e em conseqüência, a organização textual, a criação dos sentidos e as estruturas gramaticais, procedem dos diferentes arranjos das categorias cognitivas e de suas propriedades¹. Uma conseqüência dessa postulação é negar que as classes de palavra sejam deriváveis umas de outras.

Pessoalmente, penso que os pesquisadores do PGPF, particularmente os “do grupo da Ingedore”, intuíram que há três mecanismos - aqui apresentados como princípios - mesmo reconhecendo a precocidade deste rótulo. Esses princípios encontram seu fundamento nas estratégias de gestão dos turnos conversacionais - o que situa a conversação como a manifestação discursiva por excelência. Os princípios aqui propostos assentam, portanto, em observações empíricas, não precedem os dados da língua, não são apriorísticos. Assumi em (Castilho, 1998a) que esses princípios dão forma ao dispositivo sociocognitivo aqui referido:

¹ As *categorias cognitivas* abrangem hiperonimicamente as *propriedades cognitivas*. Assim, uma categoria como VISÃO incorpora as propriedades de enquadramento, ponto de vista, figura / fundo, etc.

1. PRINCÍPIO DE ATIVAÇÃO, OU PRINCÍPIO DE PROJEÇÃO PRAGMÁTICA

A ativação é o movimento mental de escolha das propriedades lexicais que se agruparão nas palavras. Os diferentes padrões de agrupamento das propriedades lexicais constroem a dimensão discursiva, semântica e gramatical das palavras.

Quando conversamos, tentamos o tempo todo prever os movimentos verbais do interlocutor, isto é, se ele completou sua intervenção, ou se ela ainda está em curso, se devemos antecipar o momento de nossa entrada no curso da fala, etc. Para dar conta desse mecanismo, que assegura a manutenção da conversação, Sacks, Schegloff, Jefferson (1974:702) postularam um “*componente de construção de turnos*” cujas unidades-tipo, isto é, palavras, sintagmas e sentenças com os quais o falante contrói seu turno, “*projetam a próxima unidade-tipo*”, numa sorte de antecipação da atuação verbal do interlocutor. Estas afirmações constituem o princípio de projeção pragmática, que segundo me parece, se acha representado nos trabalhos enumerados em (2), (3) e (4) acima.

A ativação das propriedades lexicais provê o conteúdo das palavras. No sistema discursivo, a ativação seleciona as palavras necessárias à hierarquização dos tópicos, à construção das unidades discursivas e sua conexão, etc. A ativação das propriedades semânticas tem o papel de escolher as palavras necessárias à representação da dêixis, da referenciação, da predicação, da foricidade e da conexão: ver trabalho enumerado em (7), acima. A ativação das propriedades gramaticais é responsável pela construção dos sintagmas e das sentenças, pela ordenação dos constituintes, pela concordância e pela estrutura argumental. Neste particular, entendo que a atribuição de caso e de papéis semânticos decorre do princípio de projeção estrita, descrita na reflexão tradicional como “transitividade”, “regência”, “valência”, e como “princípio de projeção” em alguns modelos formais. A projeção estrita é uma abstratização obtida a partir da projeção pragmática: Castilho (1998b).

2. PRINCÍPIO DE REATIVAÇÃO, OU PRINCÍPIO DE CORREÇÃO

A reativação é o movimento mental por meio de que suscitamos de novo as propriedades lexicais e as palavras que as representam, retornando por assim dizer ao mesmo ponto. Trata-se portanto de uma volta ao enunciado já produzido, abrindo caminho para sua simples repetição, ou para sua paráfrase, ou para a alteração de seu eixo argumentativo, para mudar seu arranjo sintagmático, etc. Os trabalhos citados em (6) acima ilustram este princípio.

Na literatura sobre gramaticalização, dois rótulos têm sido utilizados para captar este princípio: a poligramaticalização e a reanálise. A reanálise, dada como um dos princípios da gramaticalização, decorre deste impulso da criatividade lingüística. Reanalisa-se as palavras, o que dá lugar às regramaticalizações. Reanalisa-se sintagmas e de sentenças, o que acarreta a mudança da fronteira sintática.

Esse princípio encontra seu fundamento no sistema de correção conversacional. Como se sabe, no curso de uma conversação temos frequentemente de mudar seu rumo, seja corrigindo nossas próprias intervenções (= autocorreção), seja corrigindo a intervenção do interlocutor (= heterocorreção). O sistema de correção conversacional busca eliminar os erros de planejamento.

O princípio de reativação opera no subsistema lexical dando origem às ressignificações. No subsistema discursivo ele promove a repetição de grandes segmentos, com o objetivo de assegurar a coesão do texto. No sistema semântico a reativação promove a paráfrase, e no sistema gramatical, através da repetição de palavras, esse princípio assegura a constituência sentencial, fato que examinei em Castilho (1997c).

3. PRINCÍPIO DE DESATIVAÇÃO, OU PRINCÍPIO DO SILÊNCIO

A desativação é o movimento que ocasiona o abandono das propriedades escolhidas e das palavras que estavam sendo ativadas. Este princípio mostra que o silêncio é igualmente constitutivo da linguagem. A linguagem musical apropriou-se desta característica, alternando-se na pauta as notas, ativadas e reativadas, e as pausas, que são a desativação do som.

Também este princípio assenta nas práticas conversacionais, quando ocorre a chamada “despreferência”. A estratégia da “despreferência” consiste em verbalizar o que não é esperado, violando-se o princípio de projeção pragmática. Isso ocorre quando respondemos a uma pergunta com outra pergunta, quando recusamos um convite, etc. Nestes casos, cria-se na conversação um “vazio pragmático”: Marcuschi (1986).

O princípio de desativação promove no Léxico a morte das palavras. Ele produz no sistema discursivo uma alteração da hierarquia tópica, levando os locutores a manobras tais como os parênteses e as digressões: ver trabalhos enumerados em (1), acima. No sistema semântico, ele está por trás das alterações de sentido presentes nas metáforas, nas metonímias, na especialização e na generalização, por meio dos quais “silenciamos” o sentido anterior e simultaneamente ativamos novos sentidos. Na Gramática, o princípio de desativação é responsável pela categoria vazia, de que se encontram exemplos na Fonologia (sílabas com núcleo vocálico omitido), na Morfologia (morfema flexional zero) e na Sintaxe (elipse de constituintes sentenciais, ou categoria vazia).

É importante entender que esses princípios operam **ao mesmo tempo**, não seqüencialmente. Assim, a desativação ocorre simultaneamente com a ativação, e esta com a reativação. A mente humana parece funcionar de modo mais complexo que um computador, que obedece a instruções seriais, constantes de entidades opositivas do tipo “zero / 1”, ou “sim / não”. O dispositivo sociocognitivo age por acumulação de impulsos, e somente assim poderemos dar conta da extraordinária complexidade da linguagem. Neste quadro, fica difícil concordar com as análises que mencionam o “desbotamento” do sentido, a “erosão” fonética, pois a língua desvela um processo contínuo de ganhos e perdas.

FINALMENTE

Procurei neste texto retomar meus papos com a Ingedore, dos quais sempre saí aprendendo muita coisa. Não há lugar para uma “conclusão”, quando todos nos envolvemos na observação da língua falada. Foi assim durante os dez anos em que juntos produzimos mais de 200 ensaios, enfeixados na série *Gramática do Português Falado*. Deverá continuar a ser assim, agora que surgem novas perguntas, seja sobre a história do Português Brasileiro, seja em torno de uma rigorosa descrição da língua escrita. É um conforto saber que nos novos projetos seguiremos contando com a energia da Ingedore, e com sua invejável capacidade de liderança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, Maria Bernadete M. & RODRIGUES, Ângela C.S. (Orgs.2002). *Gramática do Português Falado*, Vol. VIII: Novos estudos descritivos. Campinas: Editora da Unicamp.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. (Org. 1990). *Gramática do Português Falado*, Vol I: A Ordem. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP.
- _____. (Org. 1993). *Gramática do Português Falado*, Vol III: As abordagens. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP.
- _____. (1989). Para o estudo das unidades discursivas do português falado. Em: A.T. de Castilho (Org. 1989). *Português Culto Falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, pp. 249-280.
- _____. (1997a). A gramaticalização, em: *Estudos Lingüísticos e Literários* 19 (março 1997), págs. 25-64.
- _____. (1997b). Língua falada e gramaticalização. *Filologia e Lingüística Portuguesa* 1 (1997), págs. 107-120.
- _____. (1997c). Para uma sintaxe da repetição. Língua falada e gramaticalização. *Língua e Literatura* 23 (1997), págs. 293-332.
- _____. (1998 a). *Língua Falada e Ensino do Português*. São Paulo: Contexto; 3a. ed., 2001.
- _____. (1998 b). Langue parlée et processus grammaticaux. Em: M. Bilger; K. van den Eynde & F. Gadet (edité par) *Analyses linguistiques et approches de l' oral. Recueil d' études offert en hommage à Claire Blanche-Benveniste*. Leuven / Paris: Peeters, pp. 141-148. Nova versão: Aspectos teóricos de la descripción de la lengua hablada. Em: Mario Bernal y Constantino Contreras (Orgs. 1998). *Por los Caminos del Lenguaje*. Temuco, Universidad de la Frontera, pp. 23-37).
- _____. (2003). Reflexões sobre a teoria da gramaticalização. Das brasilianische Portugiesisch: Perspektiven der gegenwärtigen Forschung. Münster, 17-18 Januar 2003, inédito.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de & Margarida Basílio. (Orgs. 1996). *Gramática do Português Falado*, Vol IV: Estudos Descritivos. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP.
- FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia & AQUINO, Zilda Gaspar. (1993). Perguntas e respostas na conversação. Em: A. T. de Castilho (Org. 1993: 75-98).
- _____. (1996b). Perguntas e respostas como mecanismos de coesão e coerência no texto falado. Em: A.T. de Castilho & M. Basílio, Margarida (Orgs. 1996: 473-508).
- _____. (1996b). Estratégias de construção do texto falado: a correção. Em: M. Kato (Org. 1996: 355-366).
- FRANCHI, Carlos. (1976). *Hipóteses para uma Teoria Funcional da Linguagem*. Campinas: Unicamp (Tese de Doutorado, 2 vols.).
- HILGERT, José Gaston. (1996). As paráfrases na construção do texto falado: o caso das paráfrases em relação paradigmática com suas matrizes. Em: I.G.V. Koch (Org. 1996: 131-148).

- ILARI, Rodolfo. (Org. 1992). *Gramática do Português Falado*, Vol II: Níveis de análise. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP.
- JUBRAN, Clélia Cândida Spinardi. (1993). Inserção: um fenômeno de descontinuidade na organização tópica. Em: A.T. de Castilho (Org. 1993: 61-74).
- _____. (1996a). Parênteses: propriedades identificadoras. Em: A. T. de Castilho & M. Basílio (Orgs. 1996: 411-422).
- _____. (1996b). Para uma descrição textual-interativa das funções da parentização. Em: M. Kato (Org. 1996: 339-354).
- JUBRAN, Clélia Cândida Spinardi & URBANO, Hudinilson et alii. (1992). Organização tópica da conversação. Em: R. Ilari (Org. 1992: 357-398).
- KATO, Mary Aizawa. (Org. 1996). *Gramática do Português Falado*, Vol V: Convergências. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça et alii. (1990). Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado. Em: A.T. de Castilho (Org. 1990: 143-184).
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. (Org. 1996). *Gramática do Português Falado*, Vol VI: Desenvolvimentos. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça & SOUZA E SILVA, Maria Cecília. (1996). Atividades de composição do texto falado: a elocução formal. Em: A.T. de Castilho / M. Basílio (Orgs. 1996: 379-410).
- MARCUSCHI, Luiz A. (1986). *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática.
- _____. (1996). A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. Em: I.G.V. Koch (Org. 1996: 95-130).
- MARCUSCHI, Luiz Antonio & KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. (2002). Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. Em M.B.M. Abaurre & A.C.S. Rodrigues (Orgs. 2002: 31-58).
- MORRIS, Charles W. (1938). *Foundations of the Theory of Signs*. Chicago: The University of Chicago Press. Tradução para o português: *Fundamentos da Teoria dos Signos*. São Paulo: Livraria Eldorado Tijuca / Edusp, 1976 (tradutor: Milton José Pinto, revisão de Isaac Nicolau Salum).
- NASCIMENTO, Milton. (1993). Gramática do português falado: articulação teórica. Texto inédito apresentado ao Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- NEVES, Maria Helena de Moura. (Org. 1999). *Gramática do Português Falado*, vol. VII, Novos Estudos. São Paulo / Campinas: Humanitas / Editora da Unicamp.
- RISSO, Mercedes Sanfelice. (1993). 'Agora... o que eu acho é o seguinte': um aspecto da articulação do discurso no português culto falado. Em: A.T. de Castilho (Org. 1993: 31-60).
- _____. (1996). O articulador *então*. Em: A.T. de Castilho & Basílio, Margarida (Orgs. 1996: 423-452).
- RISSO, Mercedes; SILVA, Giselle Machline de Oliveira & URBANO, Hudinilson. (1996). Marcadores discursivos: traços definidores. Em: I.G.V. Koch (Org. 1996: 21-94).
- SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emmanuel & JEFFERSON, Gail. (1974). A symplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. *Language* 50: 696-735.

- SOUZA E SILVA, Maria Cecília & KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. (1993). A dimensão ilocutória. Em: A. T. de Castilho (Org. 1993: 19-30).
- _____. (1996). Estratégias de desaceleração do texto falado. Em: M. Kato (Org. 1996: 327-338).
- SOUZA E SILVA, Maria Cecília & CRESCITELLI, Mercedes. (1996). Sem querer interromper... e não interrompendo. Em: I.G.V. Koch (Org. 1996: 149-162).
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (1996). Tipologia textual e a coesão/coerência no texto oral: transições tipológicas. Em: A.T. de Castilho & M. Basílio (Orgs. 1996: 453-472).